

OBJETOS: DO VALOR DE CULTO AO DECORATIVO E O MAIS ALÉM.
(Imagem > Texto > Objeto)

Joaquim Cesar da Veiga Netto*
joaquim.netto@unifap.br



Este trabalho teve como ponto de partida as discussões desenvolvidas no Curso Artefatos oitocentistas e a questão decorativa. O nosso objetivo é elaborar comentários acerca de alguns objetos e o seu respectivo valor no contexto antropológico e sociocultural, tais como: os daguerreótipos e os relicários. Vale ressaltar que a trajetória destas peças pode abranger estudos abarcando confrontos de projeções de “tempos sociais” relativos a trajes, calçados, adornos, valores de culto e decorativo, além do registro familiar e ousadas composições sinalizadoras de canônes pictóricos.

É importante lembrar que estes objetos apresentam um diálogo próximo com a força do imaginário latino americano (português e espanhol) relacionado diretamente com a prática do uso de imagens pela Igreja Católica. O valor da pintura, da escultura, da gravura e da fotografia é eficaz para exemplificar este contexto, e ampliar a discussão conceitual que se relaciona com uma plasticidade no sentido de incorporação desses sistemas em diversas práticas e períodos.

1. OS DAGUERREÓTIPOS – ESTOJOS MÁGICOS:

Apesar de todas as modificações técnicas e estéticas que sofreu no século XX, o retrato mantém intacto seu caráter mágico, que levou, e ainda leva, certas culturas a crer que ele retira ou guarda uma parcela da alma da pessoa retratada. Tal afirmativa pode ser confirmada mesmo nas sociedades industriais, onde tratam o retrato não como uma mera representação de um determinado indivíduo, mas como o próprio indivíduo. A fotografia no século XIX foi emblemática com o advento do daguerreótipo. Esta nova forma de registro, por suas

características matérica ganha um valor singular que envolve simultaneamente o valor de culto e decorativo, pelo caráter mágico do retrato e pelos refinados estojos refinadamente decorados.

O daguerreótipo consiste numa chapa metálica tratada com vapores de iodo, que se tornavam iodeto de prata quando impregnados na chapa, tornando-a fotossensível. Essa chapa era colocada numa câmara escura, sem contato com a luz, e feita uma exposição que variava de 20 a 30 minutos mais ou menos. Após a exposição, era necessário fazer o iodeto de prata se converter em prata metálica, para a imagem se tornar visível, obtido com efeitos do mercúrio, cujo vapor foi o primeiro sistema de revelação fotográfica anunciado comercialmente.

O século XIX pode ser entendido como um período de transição onde a eternidade e efemeridade misturam-se num “novo” singular. Com o aparecimento fotografia, nos diz Walter Benjamin, o valor de culto começa a recuar em todas as frentes, diante do valor de exposição. Mas o valor de culto não se entrega sem oferecer resistência. Sua última trincheira é o rosto humano. Não é por acaso que o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. O refugio derradeiro do valor de culto foi a saudade, consagrada aos amores ausentes ou defuntos.

O daguerreótipos por suas características matéricas e acabamento refinado ganham um valor de culto e decorativo. Ele é um significante onde os referentes/signos (entes queridos, imagens de amores ausentes ou defuntos) possuem significados. Desta forma, envolve tanto o significante icônico quanto o significante a nível plástico-cromático do acabamento das refinados estojos de madeira, revestidos de couro, com forro interno de veludo (tampa) lavrado e brocado, molduras douradas e placas decorativas com douramento e algumas vezes pedras preciosas.

O “objeto-fotografia” – o retrato sobre metal, vidro ou papel apresenta um percurso histórico no século XIX e metade do século XX, que envolve alguns formatos específicos: daguerreótipos (imagens positivas impressas sobre placa de cobre banhada em prata), ambrótipos (imagem negativa impressa sobre vidro), ferrótipos e “carte de visite” (imagem positiva impressa sobre papel). O último é a forma de maior reprodutibilidade técnica do retrato.

Enfim, no século XIX as pessoas iam ao fotógrafo para adquirirem o status e a eternidade que a emulsão fotográfica fornecia. Não havia então espaço para as brincadeiras de botar “chifrinhos” e o “empurra-empurra” pelo caráter mágico do retrato das descontraídas fotos atuais. As pessoas prostavam-se diante das câmeras e dos fotógrafos com a mesma atitude com que participariam de um ritual religioso ou teatralmente como enfrentariam um pelotão de fuzilamento.

2. OS RELICÁRIOS – OBJETOS MÁGICOS:

O Relicário é um outro objeto que trazemos para discutir, neste contexto de escolha de bens simbólicos relacionados ao século XIX, que apresentam simultaneamente um valor de culto e decorativo. Estas peças passam a ser mais frequentes com a difusão do metal. Neste sentido, não podemos deixar de citar a importância do povo etrusco e romano como excelentes artífices do bronze. Na China, desde 1500 a.C., objetos de bronze eram empregados em rituais de culto dos antepassados. No ocidente, com influência do catolicismo esse culto se intensifica com o uso das relíquias.

Uma relíquia é um objeto preservado para efeitos de veneração no âmbito de uma religião, sendo normalmente uma peça associada a uma história religiosa. Podem ser objetos pessoais ou partes do corpo de um santo, personagens sagradas ou entes queridos. Em alguns momentos do século XIX, estes objetos poderiam trazer partes do corpo da pessoa amada (cabelo, dente, fitas, rendas etc...).

O culto das relíquias atingiu o seu máximo na religião budista e em várias denominações cristãs como o catolicismo. E ainda, em práticas afro-brasileiras com designações específicas como o “patuá” - amuletos de sorte e proteção compostos por qualquer material, desde que seja simbólico com relação ao seu objetivo. Como os Daguerreótipos – guardados em seus estojos, as relíquias são usualmente guardadas em receptáculos próprios chamados relicários. Algumas religiões desaprovam o uso de relíquias, como a generalidade das religiões protestantes.

A partir do século XIX o uso do Relicário se amplia, deixando os espaços dos templos e acervos sacros para ganhar outros sentidos, ou releituras diversas no campo decorativo, e mais recentemente no campo da cultura pop. A experiência visual se amplia e um olhar mais rápido e mais efêmero busca um sentido diferente nos objetos que superpõem o valor de culto, decorativo, utilitário ou simplesmente o afeto e o desejo de colecionar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Desta forma, minha intenção é pensar estes objetos como algo que tem um comprometimento não apenas com o “texto/conteúdo” que se encontra por “atrás” do visível, como uma estrutura de significados, *mas com a exploração destes artefatos, como linguagem decorativa - objeto ou imagem como uma intersecção complexa do visível e do palpável.* Assim, vale lembrar que estes objetos são produzidos a partir de diversos significantes, ou uma estrutura de significantes. Significantes icônicos, que representa elementos socioculturalmente

determinados: santos, antepassados e entes queridos, que se associa a significantes plásticos e linguísticos.

Finalmente, podemos pensar, ainda, na materialidade como linguagem que atribui significado aos objetos que deseja comunicar algo. A matéria não é um componente meramente físico, pois pode dar contexto a uma linguagem e assumir formas diversas em significados distintos, dependendo da ação humana como o caso mais específico dos amuletos. Assim podemos perceber na existência da matéria, possibilidades de realizações com potencial infinito, isto é, existe uma realidade cultural subjacente, e maciçamente (*coisificada*), em toda forma de significação destas peças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARY, Zaíra. Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à teologia da libertação. São Paulo: Annablume, 2000.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ECO, Umberto. As formas do conteúdo. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

FERRARA, Lucrécia D' Alessio. Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. A estratégia dos signos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

FREYRE, Gilberto; **PONCE DE LEON**, Fernando; **VASQUEZ**, Pedro. O retrato brasileiro: fotografias da Coleção Francisco Rodrigues, 1840-1920. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

MITCHELL, W.J.T. Picture theory; essays on verbal and visual representation. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994. Introduction (p.1-34) e Word, image and object: wall labels for Robert Morris (p.241-279).

Imagens: Daguerreótipo – Século XIX – Acervo Angela Magalhães – RJ.

**Doutorando em História e Crítica da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA/UF RJ. Texto apresentado no Seminário do Curso Artefatos oitocentistas e a questão decorativa: uma revisão. Dra. Marize Malta.*